

LIVROS QUE CARREGO NA MEMÓRIA (E QUE QUANDO MENOS SE ESPERA DESCARREGO)

Rita Taborda Duarte

- ▶ **A Nau Catrineta**
- ▶ **Bichos, Bichinhos, Bicharocos**, Sidónio Muralha
- ▶ **Odisseia**, Homero (versão João de Barros)
- ▶ **O Príncipezinho**, Saint-Exupéry
- ▶ **Alice no País das Maravilhas**, Lewis Carroll
- ▶ **Alice no outro lado do Espelho**, Lewis Carroll
- ▶ **A Menina do Mar**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **Rosa, minha irmã Rosa**, Alice Vieira
- ▶ **A Noite de Natal**, Charles Dickens
- ▶ **A rapariga da caixa de fósforos**, Oscar Wilde

Só temos a certeza de que certos livros foram, verdadeiramente, importantes para nós quando reparamos que eles resistem ao esquecimento, e vão persistindo, constantes, pertinazes, na nossa memória, passados dez anos, vinte anos, e pelo futuro adentro. Quando, depois, a adultada (que é o que devemos chamar a um conjunto de adultos, portanto a todas as “pessoas grandes que um dia foram pequenas”) dá por si a fazer adultices, ou seja as criancices de quem ultrapassa o metro e meio de altura. E estaremos sempre bem se na nossa adultice retivermos alguma da nossa antiga meninice.

Há versos que guardo desde a infância, como os da *Nau Catrineta* que tem muito que contar; aí, mais do que as areias de Espanha e as praias de Portugal e das espadas nuas, e do gajeiro no mastro real, afectou-me “aquela sola tão dura que não a puderam tragar”, e que terá influenciado, decerto, a minha perspectiva, mais tarde, sobre a *Quimera do Ouro*, de Charlie Chaplin; fez-me ver um Charlot mais rijo que muitos marinheiros. Pode ser que tenha sido a *Nau Catrineta*, de que recordo ainda muitos versos, a fazer-me prestar atenção à relação especial que a poesia estabelece entre as palavras, como se as cantássemos a falar.

Sidónio Muralha foi durante muito tempo para mim o poeta do “ Bichinho de conta conta e o bichinho de conta contou...”; e o curioso é que mesmo quando mais tarde, o descobri como um autor neo-realista do *Novo Cancioneiro*, isso não mudou: Continuo a associá-lo aos *Bichos, Bichinhos, Bicharocos* e “ao macaco [que] tinha um espelho e chamou os outros macacos; todos queriam um espelho o espelho ficou em cacos

(talvez esteja a falhar algo na transcrição, porque passados vinte e tal anos, ainda o cito de memória). De Homero, na versão infantil de João de Barros, recordo sobretudo a voz do meu pai, e as perguntas a confirmar a nossa atenção (a minha e a da minha irmã):

– Como se chamava a ilha de Ulisses? Í...

E nós: – “TA-CA”.

– E a mulher do Ulisses?

– PE-NÉ-LO-PE!!!!

Do nome do cão, esquecia-me sempre. E reparo, ainda agora, mesmo depois de ter relido recentemente a *Odisseia*, na tradução de Frederico Lourenço, que continuo esquecê-lo. Isto será significativo...

Da *Menina do Mar* (além das letras a verde da edição das Figueirinhas, a rimar com o mar do polvo e do caranguejo), recordo a beleza da escrita a persistir lado a lado com a história. A mesma consciência terá surgido um pouco mais tarde, ao ler *Rosa, minha irmã Rosa*, de Alice Vieira. Não terá sido conscientemente, mas o certo é que dei o nome de Mariana à minha filha. A mente humana lá terá os seus meandros, e a literatura os seus poderes ocultos. As “Alices” e o *Príncipezinho* tanto andaram, por lá, a cirandar pela memória que, a certa altura, não puderam mais suportar a clausura e simplesmente saltaram, sem prévio aviso, sem apelo nem agravo, para o meu livro *A verdadeira História da Alice*. A verdade é que a escrita não é mais do que uma variação da leitura...

Finalmente, no que toca à desventurada “rapariga da caixa de fósforos” e à *Noite de Natal*, de *Dickens* (lida numa versão em bd, que emprestava ao sovina Scrooge, uma face que em nada o favorecia), o certo é que ainda hoje preenchem o meu imaginário natalício. Mais do que o Pai Natal; mais do que o Menino Jesus. ■



Rita Taborda Duarte nasceu em Lisboa, em 1973. Actualmente é assistente na Universidade da Beira Interior e prepara o doutoramento em Literatura Portuguesa Contemporânea. Colaborou regularmente com crítica literária, sobretudo de poesia, no suplemento *Mil Folhas* do jornal *Público*. Em 2002, recebe uma Bolsa de Criação Literária, do Ministério da Cultura, de que resultaram os livros *Na Estranha Casa de um Outro* (Ed. Asa, 2006) e *Os Sentidos das Coisas* (Caminho, no prelo). Em 2003 recebe o prémio Branquinho da Fonseca (Expresso/Gulbenkian), com o seu primeiro livro infantil, *A Verdadeira História da Alice*, publicado, pela Caminho, em 2004 com ilustrações de Luís Henriques.

Obras “para” crianças

- ▶ *A Família dos Macacos*, Caminho, 2006 (Ilustrações de Luís Henriques).
- ▶ “O Rapaz que não se tinha quieto” in *Quatro Histórias com Barão, Homenagem a Branquinho da Fonseca*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005 (Vol. colectivo).
- ▶ *A Verdadeira História de Alice*, Lisboa, Caminho, 2004; (premiado em 2003, com o prémio Branquinho da Fonseca), com ilustrações de Luís Henriques.

No Prelo

- ▶ *Os Piolhos do miúdo e os miúdos do piolho*, Caminho, (Ilustrações de Luís Henriques)
- ▶ *O Tempo ao Contrário e o Mário Canário*, Caminho.

Poesia

- ▶ *Na Estranha Casa de um Outro: Esboço de uma biografia Poética*, Edições Asa, 2006.
- ▶ *Poética Breve*, Black Sun Editores, 1998.

No Prelo

- ▶ *Dos Sentidos das Coisas. Experiências Descritivas* (co-autoria de André Barata), Caminho (com imagens de Luís Henriques).